

ESCAVAR E REMONTAR O ARQUIVO DE DEZ ANOS DE UM GRUPO DE PESQUISA

EXCAVATE AND REASSEMBLE A RESEARCH GROUP'S TEN-YEAR ARCHIVE

FOUILLER ET RÉASSEMBLER LES ARCHIVES DÉCENNALES D'UN GROUPE DE RECHERCHE

LICENÇA CC BY:

Artigo distribuído sob os termos Creative Commons, permite uso e distribuição irrestrita em qualquer meio desde que o autor credite a fonte original.



Angélica Vier Munhoz¹

Universidade do Vale do Taquari Univates

Artigo recebido em: 21/07/2024

Aprovado em: 13/02/2025

Resumo: O presente texto tem por propósito dar a ver a trajetória de dez anos de um Grupo de Pesquisa cujo aporte teórico-metodológico são as aproximações com o pensamento da Filosofia da Diferença, a partir de autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari, entre outros. Por outra via, as discussões curriculares pós-estruturalistas também são centrais no plano conceitual da pesquisa. Desde a sua criação, o Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/Univates) desenvolve suas investigações arqueogenealógicas (Foucault, 2005; 2008) e seus procedimentos exploratório-experimentais (Corazza, 2012) tomando como mote as noções de currículo, aprendizagem, ensino, aula e criação. Neste texto, partimos da noção de arquivo de Michel Foucault (2008) para operar com o que foi produzido pelo Grupo CEM no período de 2013 a 2023. Sob tal perspectiva, operar procedimentalmente com o arquivo do Grupo CEM implica ler o material produzido, revisitá-lo, reescrevê-lo, remontá-lo e reinventá-lo.

Palavras-chave: Arquivo. Grupo de Pesquisa. Investigações.

Abstract: In this text, we aim to show the ten-year trajectory of a Research Group whose theoretical-methodological basis approaches the thought of the Philosophy of Difference, based on authors such as Michel Foucault, Gilles Deleuze and Félix Guattari, among others. On the other hand, post-structuralist curricular discussions are also central to the conceptual plan of the research. Since its creation, the Curriculum, Space, Movement Research Group (CEM/CNPq/Univates) has carried out archeogenealogical investigations (Foucault, 2005; 2008) and exploratory-experimental procedures (Corazza, 2012) by taking the notions of curriculum, learning, teaching, class and creation as its motto. In this text, based on Michel Foucault's (2008) notion of archive, we address what Group CEM produced from 2013 to 2023. From that perspective, operating procedurally with the archive of Group CEM implies reading, revisiting, rewriting, reassembling and reinventing the material produced it.

Keywords: Archive. Search group. Investigations.

1 Doutora em Educação; Professora titular da Universidade do Vale do Taquari – Univates; Pesquisadora CNPq PQ1; Líder do Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/Univates).



Résumé: L'objectif de ce texte est de montrer la trajectoire de dix ans d'un groupe de recherche dont l'apport théorico-méthodologique est le rapprochement avec la pensée de la philosophie de la différence, basée sur des auteurs tels que Michel Foucault, Gilles Deleuze et Félix Guattari, et d'autres. D'autre part, les discussions poststructuralistes sur les programmes d'études sont également centrales au niveau conceptuel de la recherche. Depuis sa création, le Groupe de Recherche Curriculo, Espace, Mouvement (CEM/CNPq/Univates) a développé des investigations archéologiques-généalogiques (Foucault, 2005; 2008) et des procédures exploratoires-expérimentales (Corazza, 2012) sur la base des notions de curriculum, apprentissage, enseignement, classe et création. Dans ce travail, nous partons de la notion d'archive de Michel Foucault (2008) pour opérer avec ce qui a été produit par le Groupe CEM entre 2013 et 2023. Dans cette perspective, opérer de manière procédurale avec les archives du Groupe CEM implique de lire le matériel produit, de le revisiter, de le réécrire, de le réassembler et de le réinventer.

Mots-clés: Archives. Groupe de Recherche. Investigation.

INTRODUÇÃO

De modo corriqueiro, a palavra escavar pode ser compreendida como criar furos e valas em um terreno. Também pode ser fazer uso de um recurso arqueológico para descobrir evidências da evolução da história no mundo a partir dos vestígios que ficaram enterrados, por conta da ação do tempo. No nosso caso, as escavações dizem respeito a perfurar e remontar o arquivo de produção do Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/Univates) em dez anos: de 2013 a 2023.

A ideia de arquivo, aqui, não se refere a um depósito de manuscritos ou documentos, mas, tal como compreende Michel Foucault (2008), consiste em um sistema de discursividades que se transforma, se modifica, se atualiza e nunca se esgota. Dito nas palavras do autor, "o arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares." (Foucault, 2008, p. 147). Com efeito, o arquivo, para Foucault, não é reflexo de uma realidade material, um lugar de onde se extraem fatos, um suporte neutro de memória, mas um conjunto de regras que precipitam, dentro de uma cultura, o aparecimento, a persistência e o apagamento de determinados enunciados. Assim, de um lado, o arquivo está ligado a "um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si uma existência remanescente no campo de uma memória" (Foucault, 2008, p. 36).

Nessa perspectiva, operar procedimentalmente com o arquivo CEM permite-nos compreender como alguns estudos, noções e investigações, articulados pelo referido Grupo de Pesquisa, foram se constituindo e se modificando, já que se atualizam à medida que são visibilizados e manuseados. Portanto, não se trata apenas de materiais guardados, mas de materiais que, ao serem revisitados, poderão apontar outros rumos para a pesquisa. Em síntese, este artigo tem por propósito escrutinar o percurso realizado pelo Grupo de Pesquisa CEM, ao longo de uma década.

SOBRE O ARQUIVO

Em sua análise arqueológica, mais especificamente, na obra *A arqueologia do saber* (2008), Michel Foucault aborda a questão do arquivo. Para Foucault (2008, p. 72), a arqueologia seria a "descrição da existência acumulada de discursos", a qual ele chama de arquivo. Nesse sentido, "a arqueologia descreve discursos como práticas específicas no elemento do arquivo" (Foucault, 2008, p. 173). Essa compreensão de Foucault opõe-se a uma concepção clássica de arquivo como instrumento de



armazenamento de informações ou de dados que garantem a preservação de uma memória. Com efeito, para Foucault (2008), o arquivo é construído pela “massa das coisas ditas em uma cultura, conservadas, valorizadas, reutilizadas, repetidas e transformadas” (Foucault, 2008, p. 52) – o arquivo constitui-se pelo conjunto de discursos. Para Foucault (2008), um discurso não é somente um conjunto de signos, de significantes que se referem a determinados conteúdos com algum significado oculto e intenções dissimuladas, mas uma rede de signos que se conecta a outras tantas redes de outros discursos.

É o arquivo que rege o aparecimento de novos enunciados, porém, “não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo” (Foucault, 2008, p. 112). Com o trabalho de arquivo, podemos dizer que Foucault inventa uma nova maneira de operar com os documentos, buscando outros modos de pensar a história. Por um lado, como arqueólogo, busca conhecer a história; por outro, como genealogista, busca olhar para a proveniência dos discursos e analisar como eles se relacionam com as diversas práticas sociais. Tal perspectiva arqueogenealógica para olhar para o arquivo pode ser compreendida a partir de Leme (2011, p. 99): “O trabalho arquivístico, nessas bases, implica uma investida arqueológica sob um olhar genealógico, capaz de abrigar os lugares de confronto a partir dos quais o nosso presente foi urdido”. Nesse sentido, há de se perguntar: por qual processo passou determinado discurso até ser transformado em elemento de arquivo? Trata-se, como afirma Aquino (2016), de perspectivar os discursos como um

[...] empuxo a um trânsito aberto e sempre instável com o extraordinário arquivo do mundo e as temporalidades vertiginosas nele atuantes; trânsito condicionado, no entanto, por um perene embate narrativo entre as gerações e pelos efeitos insondáveis que assombram tal embate, a fim de conjurar o silêncio trágico que, de um modo ou de outro, nos tocaia sem cessar. (Aquino, 2016, p. 16).

Considerando que, segundo Foucault (2008), o arquivo é texto e que a sua existência depende do que fizemos dele no momento presente, a tarefa de ler e reler o arquivo também remete a outra tarefa, que é reescrever o arquivo, em um exercício de montar e remontar as suas matérias. Afinal, é sempre importante considerar que não há um arquivo dado de antemão e que é preciso “constituí-lo ponto a ponto, embrenhando-se por fontes documentais – canônicas, ou não – afins à problemática sob exame” (Aquino, 2020, p. 349). Como lembra Foucault, a composição de um arquivo impõe-se, assim, como um exercício “[...] fragmentário, repetitivo e descontínuo” (Foucault, 2014, p. 282).

Ademais, operar com arquivo, sob a ótica de Foucault, posiciona-nos em certa perspectivação em relação a um arquivo vivo e aberto que se relaciona com o futuro, o que requer, necessariamente, a desmontagem e remontagem das matérias que nele habitam.

PRIMEIRAS ESCAVAÇÕES

O Grupo CEM, criado em 2013, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino – Mestrado e Doutorado – da Universidade do Vale do Taquari - Univates, foi cadastrado no Diretório do CNPq em 2014. O pensamento da Filosofia da Diferença, a partir de autores como Nietzsche (1998, 2005), Deleuze (1992, 2003, 2006), Deleuze e Guattari (1997) e Foucault (2002, 2005, 2008, 2014), foi, desde o início, tomado como aporte teórico-metodológico para os estudos e pesquisas do Grupo.



Por outra via, as discussões curriculares também se tornaram centrais para a construção do plano conceitual da pesquisa, sobretudo, as teorizações curriculares pós-estruturalistas, propostas por pensadores brasileiros, como Corazza (2012, 2013), Silva (2001), Gallo (2011, 2012) e Veiga-Neto (2012), entre outros. Ainda, as aproximações genealógicas e arqueogenealógicas de Michel Foucault delinearão os procedimentos metodológicos das investigações.

Em seu primeiro ano, o Grupo de Pesquisa CEM, com apoio do Edital Universal MCTI/CNPq 14/2013, buscou aproximar-se de algumas noções que circundariam a investigação, como espaços escolares e não escolares e movimentos escolarizados e não escolarizados. O intuito do projeto intitulado “Espaços e movimentos do currículo: entre o escolar/não escolar e o escolarizado/não escolarizado” era problematizar tais noções, ou seja, compreender como esses espaços e movimentos se articulam, se diferenciam e se mantêm, na medida em que se constituem em seus “jogos de poder e suas implicações com o saber” (Munhoz et al., 2013).

Vale dizer que, primeiramente, as ideias de espaço e movimento não eram diferenciadas, tanto que o primeiro macroprojeto de pesquisa, aprovado em um edital interno da Univates chamava-se “O currículo em espaços escolarizados e não-escolarizados no Brasil e na Colômbia: diferentes relações com o aprender e o ensinar”.

Espaços escolares e não escolares tornaram-se o campo empírico do Grupo CEM desde o início, incluindo escolas, museus e organizações não governamentais (ONGs). Inicialmente, foram dois espaços escolares – uma escola em Bogotá, Colômbia, cuja parceria designa o nome do projeto de pesquisa, e uma escola pública na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul (RS) – e dois espaços não escolares – uma ONG em Lajeado, RS e um museu de arte, em Porto Alegre, RS. Após estudos realizados por integrantes da pesquisa e aproximação dos referidos espaços de investigação, evidencia-se que um espaço escolar pode ter movimentos não escolarizados, assim como um espaço não escolar pode ser escolarizante. Tais evidências puderam ser constatadas especialmente na escola colombiana, onde foi realizada imersão de uma semana pelos integrantes da pesquisa, percebendo-se os movimentos de uma desescolarização do currículo. Assim, compreende-se que:

Os conceitos de escolar e não-escolar se misturam com os conceitos de escolarizado e não-escolarizado como se essas relações estivessem diretamente relacionadas com o local onde ocorre o processo educacional (Munhoz et al., 2013, p.3).

Durante as sessões de estudos propostas pelo Grupo, ocorreu uma mudança conceitual na forma de pensar o escolar/não escolar e o escolarizado/não escolarizado. O Grupo começou a operar, então, com os conceitos de escolar/não escolar como “espaços” e escolarizado/não escolarizado como “movimentos”, assim redefinindo e reconceitualizando os pressupostos que fundamentavam a investigação.

Isso levou o Grupo CEM a ocupar-se da problematização do currículo disciplinar como tentativa de disciplinarização dos corpos voltada a uma padronização social; como destacam Costa, Schwertner & Giongo (2013, p. 442), “todo currículo carrega noções de sujeito e subjetividade que irão moldar os que estão envolvidos nas atividades relacionadas”. Daí emergem diversas questões sobre como o currículo pode ser cruzado e composto por novas práticas, entrelaçado com novos conhecimentos, relações e experimentações. Nessa perspectiva, problematizam-se também as concepções de espaços não escolares, no sentido de que currículos não escolares também podem ser escolarizantes, com estruturas disciplinares, lineares e hierárquicas.

Autores como Deleuze e Guattari (1997) ajudaram-nos a construir esses entendimentos. Os



conceitos de liso e estriado, estudados a partir da obra *Mil Platôs*, v. 5 (1997), foram fundamentais para o seguimento da pesquisa. Para Deleuze e Guattari (1997, p. 165), “no espaço estriado, fecha-se uma superfície, a ser ‘repartida’ segundo intervalos determinados, conforme cortes assinalados; no liso, ‘distribui-se’ num espaço aberto, conforme frequências e ao longo dos percursos (logos e nomos)”. Contudo, alertam Deleuze e Guattari (1997), não se trata de um ou de outro espaço, mas de um e de outro, pois os espaços coexistem, se misturam, se complementam.

Mesmo que o currículo, como movimento escolarizado, se fixe a um espaço estriado que captura e hierarquiza saberes e relações, quando é tomado por linhas, atalhos, fluxos, abre-se um leque de possibilidades que modifica os limites, os contornos, a lógica escolarizante. É possível perceber, então, que, entre espaços e movimentos, há linhas que permeiam os cotidianos dos espaços escolares e não escolares. Tal lógica pode estar presente nos espaços escolares e não escolares, pois o que a define não é a configuração do espaço, mas a qualidade dos seus movimentos.

Trata-se de uma questão de postura: habitar o espaço nomadicamente, e não de forma sedentária; postular a velocidade enquanto valor a ser preservado, sob todas as coordenadas temporais e espaciais pelas quais o movimento é medido; defender o pensamento em seu sentido forte, ou seja, real potência de criação e instauração de uma nova terra, e não um exercício de representação, adequação e permanência. (Munhoz et al., 2013, p. 48 - 49).

Há movimentos que escapam das linhas mais duras, dos tecidos mais sólidos, e movimentos que são capturados, enredados por estriamentos. Em relação a isso, Munhoz e Costa (2014) propõem que o currículo seja pensado em razão de posturas e relações que engendra, ou seja, pelo modo como, em seus movimentos, o espaço é ocupado, pois,

[...] a simples distinção entre escolar e não-escolar não parece ser suficiente para garantir tal problematização, uma vez que carrega consigo a pressuposição de que o escolar, com as normas que o governam, não traz consigo as forças necessárias a possíveis transmutações – e, por via inversa, a crença de que quaisquer esforços práticos de questionamento aos modelos escolares instituídos garantiriam a obtenção de um espaço livre de regulações (Munhoz & Costa, 2014, p. 354).

A perspectiva genealógica de Michel Foucault (2005) começa a ser estudada pelo Grupo; na contramão de um processo evolutivo, ela aponta para rupturas, impasses, reconfigurações e recorências que permitem compreender as práticas pelas quais nos tornamos sujeitos de determinada cultura, de determinados espaços e discursos. Para Foucault (2005), a genealogia constitui-se em um modo “(...) de fazer da história um uso que a liberte para sempre do modelo, simultaneamente metafísico e antropológico, da memória. Trata-se de fazer da história uma contramemória e de desdobrar, conseqüentemente, uma forma totalmente diferente do tempo” (Foucault, 2005, p. 277). Nesse sentido, acreditava-se que pensar genealógicamente as relações do currículo significava, antes de qualquer outra coisa, renunciar a qualquer hipótese transcendental que viesse a justificar e tornar absoluto o caráter de determinados valores, fossem eles quais fossem.

RETOMANDO, REPETINDO, AVANÇANDO

Se, no primeiro ano de pesquisa, o foco era investir no campo conceitual, o que gerou inúmeros estudos, discussões teóricas e redefinições conceituais, a partir do segundo ano, uma aproximação mais efetiva dos espaços de investigação tornou-se necessária. Nesse momento, o campo empírico do Grupo CEM, além de dois espaços escolares e dois não escolares, como citado acima,



agregava mais uma escola pública, da região do Vale do Taquari. Para uma imersão maior nesses espaços, a organização do Grupo foi feita por espaços, ou seja, para cada um deles, constituía-se uma equipe de dois pesquisadores, bolsistas e voluntários.

Contudo, tal perspectiva não visava a uma análise comparativa dos espaços; o que interessava era perceber de que maneira espaços escolares e não escolares, assim como movimentos escolarizados e não escolarizados, se misturam e se compõem.

Misturar esses espaços - escolares e não escolares - e movimentos - escolarizados e não escolarizados - tem por finalidade buscarmos entender de que modo o currículo pode se compor e se cruzar com novas práticas, tecidas por outras relações de saber e por novas experimentações. (Munhoz & Hattge, 2014, p.2).

A genealogia torna-se foco de estudos nesse momento, pois nos encontrávamos em imersão nos espaços de investigação. Além de dedicarmos-nos à leitura de textos genealógicos de Michel Foucault (2002, 2005), também discutíamos as ferramentas metodológicas a partir das quais nos aproximávamos dos espaços. Observações, entrevistas e análises de documentos dos espaços foram realizadas durante o ano de 2014. Algumas questões norteadoras serviram para que formulássemos roteiros de investigação, tais como: como funciona o espaço? Como se desenvolvem seus programas/atividades? Como as pessoas se organizam nessa instituição? Como compreendem o currículo?

À medida que operávamos com as análises dos materiais advindos dos espaços, também novos conceitos foucaultianos e deleuzianos apareciam e necessitavam ser estudados pelo Grupo: discurso, governo, sociedade de controle, dispositivo, linhas de fuga, intercessores. As teorias curriculares também ocupavam um lugar central nos estudos, e autores, como Sandra Corazza, Tomaz Tadeu, Silvio Gallo e Alfredo Veiga-Neto, eram incorporados ao Grupo, tanto por meio de seus textos, quanto mediante formações presenciais com esses pensadores.

A aproximação dos espaços não escolares – uma ONG e um museu de arte – possibilitou-nos perceber que espaços não escolares também se vinculavam, por vezes, a processos de disciplina-mento, a controles de tempo e espaço, a práticas e saberes que se articulam às noções de ensino e aprendizagem, efetuando esses processos com determinados fins. Em relação ao Museu de arte, era possível perceber que, “embora uma fundação de arte seja um espaço não-escolar, ela também é constantemente atravessada por movimentos escolarizados, disciplinando e subjetivando os corpos, que, em um movimento de resistência, buscam estratégias de fuga e criação, potencializando-se.” (Crizel, Freitas & Rodrigues, 2014, p. 1). Concluímos, nesse período, que um espaço não escolar – no caso, um espaço de arte – também é tomado por condicionamentos da disciplina e do controle: o toque nas obras não é permitido, há tempo de funcionamento e até mesmo roteiro, ou seja, esse espaço, apesar de apresentar novas possibilidades, subjetiva e disciplina os corpos, operando com os movimentos escolarizantes em alguma medida.

Por sua vez, as visitas, as participações nas formações no Museu de arte e as análises de materiais educativos de museus aproximaram-nos cada vez mais de uma perspectiva artística. Alguns conceitos voltados para a arte – tais como: “deriva”, de Guy Debord, “caminhando”, de Lúcia Clark, “fortuna”, de William Kentridge – foram visitados e revisitados, na tentativa de compor com a ideia de movimentos ou práticas curriculares, e integraram alguns artigos produzidos nessa época. O entrelaçamento entre as noções de aprendizagem, ensino e arte começa, então, a potencializar o Grupo de Pesquisa.



AINDA EM TORNO DO CURRÍCULO

Uma nova organização dos estudos delineou o Grupo CEM a partir de 2015. Os grupos de trabalho organizaram-se em torno de cinco temáticas, que deram origem a estudos e publicações: a) tempo, espaço e heterotopias; b) governamentalidade; c) genealogia; d) aprendizagem; e) teorias do currículo.

A problematização do currículo e da escolarização começa a produzir os arquivos do Grupo CEM. Criado na modernidade, o currículo torna-se sinônimo de escolarização, ou, em outras palavras, a escolarização torna-se um modo de operar com o currículo, em meio ao qual se regulam o espaço e o tempo, se distribuem e hierarquizam saberes e disciplina, e se homogeneizam os corpos, produzindo-se um sujeito aprendente. Como afirmam Olegário e Crizel (2015, p. 98): “indissociáveis, a escola e a modernidade constituem-se historicamente e produzem uma nova maneira de compreender os processos escolares, provocando profundas rupturas no modo de significar os processos de aprendizagem e o sujeito que aprende”. Novamente, constatamos que esses pressupostos normativos e reguladores da escolarização perpassam o cotidiano da escola, mas também são muitas vezes aplicados em espaços educativos que se pretendem não escolares.

Os movimentos escolarizados encontram-se, por vezes, naturalizados de tal modo que qualquer atividade que escape da forma instituída é passível de questionamento e requer alteração de suas propostas, a fim de aproximar-se cada vez mais de um modelo predeterminado: o modelo escolarizado. Tal situação pode ser observada em um dos espaços não escolares da investigação, o qual, por não se adequar às demandas do poder público, teve que fechar suas portas após dez anos de atuação. A ONG encontrava-se

fortemente questionada quanto à sua forma de atuação e algumas cobranças foram interpostas pelo poder público: necessidade de cercamento do entorno, necessidade de oferta de merenda escolar, registro de frequência, contratação de profissionais como Psicólogo e Assistente Social, entre outras questões (Munhoz & Hattge, 2015, p. 321).

O impacto do fechamento lança-nos aos questionamentos: “é possível falar em educação fora da lógica da escolarização? É possível um currículo não escolarizado?” (Munhoz & Hattge, 2015, p. 318). Voltamos, então, às teorias pós-estruturalistas de currículo, as quais, segundo Tomaz Tadeu (2001), nos provocam a compreender o currículo como modos de produção discursiva que, assim como teorias, regulam e normatizam as ações e os acontecimentos escolares, reafirmando suas verdades.

Como a ONG já havia encerrado as atividades, decidimos ocupar-nos apenas com escolas e museus, como espaços escolares e não escolares, respectivamente. Também encerramos a investigação com a escola da Colômbia e mantivemos as duas escolas, já citadas, além do Museu de Arte de Porto Alegre.

Apostando na ideia de que há um currículo nos espaços de arte, os quais, atravessados pela arte, talvez tenham a capacidade de produzir práticas inventivas, menos estratificadas em lógicas escolarizantes, mas em movimentos experimentais e perspectivados, buscamos investir nosso olhar de forma mais intensiva nos museus de arte. Desse modo, firma-se uma nova parceria, agora com um museu de arte da cidade do Rio de Janeiro. Os dois espaços de arte que constituíam o campo empírico requeriam uma análise minuciosa, a fim de que fosse possível mapear os seus pontos de ruptura, de tensão, bem como os deslocamentos realizados pelas relações de ensinar e aprender que



se efetuam entre a arte e a educação. A participação em formação de mediadores, residências pedagógicas, visitas mediadas, oficinas, encontros para educadores, palestras e seminários, em ambos os espaços, passou a fazer parte dos estudos e atividades do Grupo CEM.

Essas vias de experimentação foram compartilhadas em diversos materiais produzidos pelo Grupo CEM, desde a produção de artigos por seus pesquisadores, bolsistas e voluntários, até os trabalhos de oficinas propostos aos professores de Educação Básica das escolas da região, cujo objetivo era tensionar o currículo e possibilitar experimentações.

A intenção de tensionar o currículo é poder tentar ir além do já dito, do já definido, revisitando o já teorizado, a fim de provocar vivências outras que potencializem o uso de outras lentes que versem em torno de um currículo transcrito. (Munhoz, Costa & Ohlweiler, 2016, p. 37).

Um destaque importante foi a realização, em abril de 2015, do I Seminário Nacional Formação Pedagógica e Pensamento Nômade: experimentações curriculares, organizado pelo Grupo CEM em parceria com o projeto de extensão "Formação Pedagógica & Pensamento Nômade", este último também composto por pesquisadores do Grupo de Pesquisa. Com apoio da CAPES, o objetivo do Seminário era problematizar a formação pedagógica estagnada em pressupostos normativos e criar um espaço de reflexão e discussão, assim como de experimentações artísticas e culturais, tendo em vista uma formação docente estética.

DELINEANDO UM NOVO RUMO

Como os museus de arte começaram a ocupar um espaço significativo nos estudos e investigações, a partir de 2016, o Grupo CEM assume uma nova forma de organização de trabalho. Divididos em dois grupos – Museus e Escolas –, os pesquisadores, bolsistas e participantes voluntários partilham estudos e investigações. A ideia não era pensar esses espaços de maneira separada, mas adentrar com mais atenção em cada um deles e buscar as aproximações possíveis, bem como suas diferenciações.

Também nesse momento, buscamos nos tornar mais propositivos, na tentativa de integrar os espaços de investigação parceiros em atividades de extensão. Assim, na aproximação de docentes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, foi-se desenhando o projeto "Transvisões", que buscou, por meio de experimentações pedagógicas e artísticas, momentos para "transver" o fazer no campo educacional. Segundo Schwertner et al. (2017), "transver" tem o sentido de "proporcionar questionamentos, tensionar as práticas que vêm se realizando, a fim de pensar a arte na docência como uma possibilidade de trans-formar a vida, a docência, o ensino, a aprendizagem." (Schwertner et al., 2017, p. 53).

Além disso, o projeto "Transvisões" firmou o compromisso social da pesquisa, levando as discussões acadêmicas para a comunidade escolar e compartilhando os efeitos das práticas de pesquisa. Desse modo, foi ampliando e coletivizando as discussões acerca dos processos de ensino, aprendizagem e da arte, aproximando a comunidade docente de uma formação estética por meio da experimentação.

Com a imersão nos espaços de arte, o Grupo passou a ter novas inquietações, as



quais produzem o movimento de retorno a alguns conceitos explorados anteriormente, tal como a noção de intercessores (Deleuze, 1992), o que resulta na escrita e publicação do primeiro livro da pesquisa, intitulado Currículo, Espaço, Movimento: notas de pesquisa (2016)². O desafio dessa escrita implicava experimentações do currículo a partir de intercessores da arte, como escreveu Schwertner (2016), inspirada na obra Drift, de Ron Mueck (2009):

E talvez seja exatamente desses dois diferentes lugares que devemos nos colocar: à deriva, sobre o bote; de cima da boia, singrando as águas em horizontal e vertical: um currículo-fluxo, que margeia em todas as direções, que leva consigo o desconfiado e o descansado, que nos atormenta e nos delicia, que mobiliza à frente e abaixo, à margem e ao meio. (Schwertner, 2016, p. 78).

Ao final do ano de 2016, a fim de compartilhar os estudos e resultados de pesquisas, o Grupo CEM promove o seminário anual, intitulado I Seminário Currículo, Espaço, Movimento: Ensina-me que te aprendo.

UM NOVO MACROPROJETO INSTITUCIONAL

O ano de 2017 inicia com um novo macroprojeto institucional de pesquisa, intitulado

“Ensino e aprendizagem: o currículo em meio a práticas educativas e artísticas”. Nesse mesmo ano, o projeto “Aprender e ensinar em meio a práticas curriculares educativas e artísticas” é aprovado pelo Edital PqG/FAPERGS 02/2017. Com o objetivo de aprofundar as noções de ensino e de aprendizagem que permeiam os currículos de espaços escolares e não escolares, assim como pensar sobre tais processos, ocupávamo-nos com as seguintes questões de pesquisa: como a aprendizagem e o ensino estão sendo pensados nos espaços escolares e não escolares? De que modos os espaços escolares e não escolares produzem práticas educativas e artísticas em meio aos processos de ensinar e aprender? Se, por um lado, propunha-se uma aproximação mais contundente dos dois espaços não escolares – espaços de arte já conveniados com o Grupo de Pesquisa –, por outro lado, e este não está dissociado do primeiro, buscava-se alinhar a nova investigação aos três espaços escolares. Pretendia-se uma aproximação de tais espaços, agora com o propósito de compreender de que maneira a prática artística pode desdobrar-se em uma prática educativa, comprometida com processos de ensino e de aprendizagem. A aproximação mais efetiva dos espaços de arte permitiu-nos perceber que naqueles espaços “ocorrem relações, práticas, tensionamentos, que estão diretamente vinculados ao lugar que os educadores ocupam [...], ou seja, um lugar de criação em meio ao estar entre – a obra e o público, a escola e o museu”. (Díaz; Munhoz, 2019, p.229).

Nesse ano, também são criadas linhas de pesquisa, e os integrantes passam a organizar-se por meio delas: GT1 - Aprendizagem, diferença e inclusão; GT2 - Aprendizagem, pensamento e criação; GT3 - Processos de subjetivação em práticas educativas e artísticas. O GT1 tem a aprovação de seu primeiro projeto de pesquisa “Inclusão escolar: um itinerário de formação docente”, Edital 01/2017 - ARD - FAPERGS. Seu objetivo consistia em analisar de que forma os(as) professores(as) da rede pública de ensino de Lajeado compreendem o processo de inclusão escolar e suas implicações no cotidiano escolar, bem como promover formação em serviço para as escolas participantes da pesquisa. Nas oito escolas investigadas, foram desenvolvidas oficinas com os professores, e posteriormente foram realizadas reuniões de grupos focais para discussão de temáticas advindas das

² Livro disponível em: <https://www.univates.br/editora-univates/publicacao/160>



oficinas, de acordo com os interesses e necessidades dos docentes. Os resultados dessa pesquisa foram publicados no e-book intitulado

“Inclusão escolar: um itinerário de formação docente”³.

Embora continuássemos operando metodologicamente com um enfoque genealógico, nesse novo momento do Grupo CEM, também agregamos a perspectiva de procedimentos exploratório-experimentais. Assim, procuramos operar com dois movimentos: uma dimensão crítica e genealógica, em que “[...] o pesquisador diagnostica as séries constituintes, disparatadas e paradoxais, que integram um sistema metaestável, constituído de puras intensidades heterogêneas” (Corazza, 2012, p.11); uma dimensão exploratório-experimental, em que o pesquisador “[...] se introduz no interior de outro nível de ideias, de uma outra experiência do pensamento, solicitando forças que são potências de uma terra incógnita jamais antes conhecida.” (Corazza, 2012, p.12).

Em abril de 2017, são realizados o II Seminário Nacional Formação Pedagógica e Pensamento Nômade e o I Seminário Internacional Formação Pedagógica e Pensamento Nômade, com apoio do CNPq e da FAPERGS. O tema dos seminários abarcava as discussões de currículo, criação e heterotopias, tendo contado com uma expressiva participação de estudantes e pesquisadores de outras instituições, além de professores de escolas.

Ao final do ano, o Grupo CEM promoveu o seu seminário anual, com o título: II Seminário Currículo, Espaço, Movimento: experimentações entre o ensinar e o aprender. Assim como o primeiro seminário, esse também tinha por objetivo divulgar resultados parciais de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo CEM, bem como discutir os estudos que o Grupo vinha realizando. O evento contou também com o lançamento do segundo livro, em forma de e-book, intitulado Currículo, espaço, movimento: verbetes, ensaios poéticos & outras experimentações⁴, pondo em movimento algumas noções tomadas como centrais nas discussões, investigações e estudos do Grupo. O e-book explorou, ainda, experimentações em verbetes, buscando flutuar de forma poética por diferentes noções, como currículo, aprendizagem, espaço, diferença e movimento, entre outras.

Ainda nesse ano, é estabelecida a parceria com mais uma fundação de arte do Rio Grande do Sul, iniciando-se um processo que envolveu observações de exposições, visitas mediadas, seminário, análise de materiais educativos da instituição e aproximações da equipe do Programa Educativo. Voltávamos, assim, ao objetivo principal de investigação, que era compreender como espaços como aquele produzem práticas educativas e artísticas em meio aos processos de ensinar e aprender. A partir das experiências educativas e artísticas produzidas por essa fundação, surgiram inusitadas inquietações, pois diversos signos passaram a estar envolvidos, oportunizando espaço para outras experimentações. Perguntávamo-nos: “como pensar e produzir com e a partir dos encontros com experiências educativo-artísticas? Como se efetuam esses encontros com a experiência estética?” (Munhoz, Fischer; Kremer, 2021, p.8, grifos das autoras). As condições de emergência envolvidas nos encontros permitiram dar atenção ao que era possível pensar e produzir a partir dessas experiências, não apenas como aporte conceitual, mas como disparadoras de novas questões.

contrapontos

3 E-book disponível em <https://www.univates.br/editora-univates/publicacao/327>

4 E-book disponível em <https://www.univates.br/editora-univates/publicacao/227>



CONSOLIDANDO NOVOS RUMOS

Em 2018, os GTs fortaleceram-se e ficaram mais independentes. Embora o grande Grupo ainda se reunisse mensalmente, os GTs foram criando as suas perspectivas de estudos e investigações. O GT1, Aprendizagem, diferenças e inclusão, começou a desenvolver as suas pesquisas visando a compreender a relação dos processos de inclusão a partir do olhar das experiências vivenciadas por professores das escolas parceiras do Grupo CEM. Com isso, buscava evidenciar o quanto o tema da inclusão envolve uma complexidade na construção de estratégias para o desenvolvimento de processos de ensino e aprendizagem.

O GT2 começou a investir nos estudos de arquivo, a partir de Foucault (2008) e Derrida (2001). À medida que estudávamos o conceito nesses autores e íamos ficando mais íntimos das noções de arquivo, também procurávamos por procedimentos para operar com os arquivos produzidos pelo Grupo de Pesquisa. Deparamo-nos, então, com os estudos e textos de Aquino & Val (2018) sobre arquivo e aproximamo-nos dos procedimentos de arquivamento e arquivização apresentados por eles. Tais procedimentos passaram a ocupar os estudos metodológicos e as escrituras do GT2. Ao final do ano, o GT2 também contou com a aprovação de dois novos projetos no Edital Universal MCTIC/CNPq 28/2018. O primeiro, intitulado “Experimentações curriculares na formação de professores: a proposta pedagógica da Universitat de Lleida”, a partir da aproximação de um novo espaço de investigação – a Universidade de Lleida, na Espanha –, tinha o intuito de investigar as experiências que vêm sendo realizadas na referida instituição acerca da formação de professores da Educação Básica que ocorre na intersecção entre educação e arte. A proposta, conhecida como Zona Baixa, foi criada em 2009, e é desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Espai Híbrid, da UDL, tendo como propósito a experimentação como possibilidade de irrupção da educação e a arte contemporânea como habitabilidade pedagógica. Tais premissas consistem em pensar a formação fora dos lugares seguros, da linearidade existente no exercício docente, provocando a experimentação de/em outros lugares, materiais, sentidos (Monclús, 2017). O convênio firmado com a Universitat de Lleida permitiu a internacionalização de nossas pesquisas, o que nos levou a interagir e a realizar trocas com uma pesquisadora do Grupo de Pesquisa Espai Híbrid, da UDL. Junto a ela, indagávamo-nos: “Quais práticas curriculares arquivamos em nosso corpo? Que modos de subjetivação tais práticas curriculares produzem em nós? É possível criar práticas curriculares na formação de professores que, atravessadas por experimentações estéticas, são capazes de arquivar modos outros de subjetivação no corpo?” (Díaz, Munhoz, Monclús, 2022, p.12). A tese de um bolsista do Grupo CEM, desenvolvida junto à Universitat de Lleida, também afirmava, no projeto “Zona Baixa”, “os encontros com artistas, pensadores e pesquisadores, além de intensificarem as possibilidades criadoras, por meio de uma abertura para outros modos de enxergar, de pensar, de agir e de ensinar, criam o estranhamento e o tensionamento da própria prática dos futuros docentes”. (Díaz, 2023, p.62).

Já o segundo projeto, aprovado no mesmo edital do CNPq, tem como título: “Procedimentos didáticos e a reinvenção de arquivos na docência” e buscava pensar de que modo os docentes da Educação Básica de um dos espaços escolares parceiros do Grupo CEM planejam suas aulas, na medida em que reinventam procedimentos didáticos a partir dos arquivos existentes. O objetivo era compreender como os professores leem e transformam o material dos arquivos ao produzirem uma aula.

O GT3, por sua vez, desenvolveu suas práticas em torno da discussão sobre a função da es-



cola na contemporaneidade e, por meio da produção de imagens fotográficas de alunos concluintes do Ensino Médio e Fundamental das escolas parceiras, seguiu desenvolvendo estudos a partir dos resultados da pesquisa anterior. As discussões proporcionadas por meio de grupos focais elencaram uma pluralidade de temas que se apresentam e circulam no ambiente escolar, bem como propiciaram aos alunos a experimentação de um novo olhar sobre a escola. Além disso, as experimentações promoveram aos estudantes uma posição ativa nas instituições escolares (Schwertner; Munhoz, 2018; Schwertner, 2019).

Cabe destacar que, em 2018, o Grupo xxx também passou a integrar a rede de pesquisa Escriteiras da Diferença em Filosofia-Educação, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Essa rede é composta por diversos grupos de pesquisa de outras 15 universidades.

A fim de divulgar as investigações que vinham sendo desenvolvidas pelo Grupo CEM, em novembro de 2018, lançou-se o nosso terceiro seminário anual, com o título de III Seminário Currículo, Espaço, Movimento: ensinar e aprender na contemporaneidade. O propósito era mostrar os primeiros estudos arquivísticos do GT2, as questões de inclusão que norteiam o GT1 e os trabalhos de investigação das percepções de alunos sobre a escola na contemporaneidade, desenvolvidos pelo GT3. A partir da apresentação do GT3 nesse seminário, um artigo foi produzido em parceria com uma professora voluntária do grupo, apresentando os estudos realizados ao longo do período (Schwertner; Horn; Silva, 2021).

No final de 2018, o Grupo de Pesquisa xxx, junto ao projeto de extensão “Pensamento Nômade”, propôs o projeto “Objetos de pensar”, que seria desenvolvido durante 2019. Constituído como um procedimento exploratório-experimental, tal projeto tem por objetivo problematizar o conceito de educação como sinônimo de escolarização e o de arte apenas como a produção de objetos para contemplação. A partir do lançamento de um edital, o projeto propunha a inscrição de objetos de pensar que se constituem em criação de perguntas, questões, indagações, problematizações, que necessariamente não precisam de respostas, mas que põem o pensamento em movimento, saindo dos lugares comuns, dos clichês, das coisas já ditas e pensadas em educação.

Acreditava-se que tais experimentações realizadas e promovidas pelo Grupo CEM, em parceria ora com as escolas parceiras, ora com os espaços de arte, ou ainda, por meio de interlocuções com outros públicos, nos ajudariam a problematizar, pensar, criar e experimentar algumas práticas educativas e artísticas.

UM RESPIRO RÁPIDO

O ano de 2019 talvez tenha sido um ano de retomar o fôlego, após várias ações desenvolvidas – e mal sabíamos que estávamos perto de um período sombrio. O projeto “Objetos de Pensar” ocupou boa parte daquele ano. Com as inscrições finalizadas, somávamos 50 Objetos de Pensar enviados por meio do edital. Eram trabalhos de estudantes de graduação e de pós-graduação, docentes, artistas e bolsistas. Após avaliados e selecionados, esses Objetos de Pensar foram organizados para serem publicados, em 2020, no livro *Objetos de Pensar: Exercícios para a Docência*⁵. Desse montante de 50 Objetos de Pensar, 16

5 Livro disponível em <https://www.univates.br/editora-univates/publicacao/316>



foram selecionados e experimentados em 32 oficinas, realizadas em escolas e universidades, com estudantes e professores de ensino básico, ensino superior e pós-graduação. Além disso, entre outubro e dezembro, esses Objetos de Pensar foram levados para uma exposição no SESC/Lajeado (RS). Essa experimentação também gerou a produção de dez artigos científicos, escritos a partir do trabalho de observação de bolsistas nas oficinas realizadas. Nas palavras de uma bolsista:

As oficinas, realizadas com públicos diversos, provocaram inquietações nos participantes. Atentos a olhares, observações, falas e escritas, registramos as impressões, os questionamentos, as inquietações de cada grupo durante a realização das oficinas dos Objetos de Pensar. Depois, elencamos as temáticas recorrentes, reordenamos o material e arquivamos os dados colhidos. (Pederiva; Munhoz, 2022, p.107).

No final desse ano, além dos três espaços de arte com os quais o Grupo CEM já fazia parceria, mais um espaço de arte, da cidade de Lajeado, é agregado como campo empírico. Em 2019, o Grupo CEM também passou a integrar mais uma rede de pesquisa, dessa vez a Rede de Investigação em Inclusão, Aprendizagem e Tecnologia em Educação (RIATTE), coordenada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, junto a outras sete universidades do Brasil e uma da Colômbia.

E COMEÇA A PANDEMIA

O ano de 2020 inicia-se no contexto pandêmico, causado pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), e exigiu o cumprimento de medidas que reduzissem a mobilidade dos corpos. Por essa razão, os modos de trabalho precisaram ser adaptados, assim como os processos das investigações que se encontravam em andamento.

Nesse cenário difícil, era necessário mobilizar algumas forças para que os nossos estudos e pesquisas continuassem avançando, mas também para que pudéssemos pôr em movimento algumas demandas surgidas naquele momento. Criamos, então, o projeto “Currículo, Espaço, Movimento: ensaios e criações em meio à pandemia”. Tratava-se de uma agenda de atividades 2020-2021, que envolvia estudantes, pesquisadores e professores da Educação Básica. A seguir, a descrição dessas atividades: 1) E a casa se fez escola: com a suspensão das atividades escolares presenciais na Educação Básica, muitas famílias buscaram contratar professoras (pedagogas, na maior parte das vezes) para atender as crianças da Educação Infantil em suas residências. Por meio de um questionário on-line, a proposta era investigar de que modo professoras estavam atuando no atendimento à domicílio de crianças da Educação Infantil; 2) Oitentena: crianças e criações: nesses tempos em que a pandemia de Covid-19 assolava o mundo, ouvir e ver o que as crianças tinham a nos comunicar poderia soar como um oásis no deserto. Assim, foi criado um perfil no Instagram alimentado com narrativas e produções de crianças de zero a 12 anos; 3) Entrar em uma arte por meio da outra: pistas para pensar a docência no tempo presente: desenvolvida em parceria com o grupo de pesquisa Zona de Investigações Poéticas (ZIP), via Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado Profissional da Universidade do Estado do Rio Grande do Sul, a proposta teve como objetivo reunir pesquisadores dos campos do teatro, da música, da arte contemporânea e da dança para pensar o problema da expressão em um contexto pandêmico. Em tal cenário, categorias como corpo, gesto, voz, som e imagem constituíram



pistas para o traçado de novos territórios de ensino e aprendizagem.

Decidiu-se lançar também uma segunda edição do projeto “Objetos de Pensar”, agora com o título: “Objetos de Pensar na Pandemia”. Houve 32 objetos inscritos, o que resultou na publicação do e-book *Objetos de Pensar na Pandemia: Exercícios para Indagar/Perdurar a Docência*⁶.

O GT 1, nesse ano, também inicia um novo projeto, intitulado “Escola, cinco anos depois: Olhares de Egressos”. O projeto, previsto para três anos, consistia em analisar o olhar de egressos da Escola Básica acerca dos efeitos da instituição escolar em suas vidas, identificando suas trajetórias e problematizando as suas diferenças e singularidades. Foi possível observar, a partir dessa pesquisa, a importância de seguir pensando, discutindo e olhando para a educação, indo além de uma perspectiva prescritiva e normativa. A escola precisa ser pensada como um espaço de crescimento e interação, levando em consideração o que a forma escolar (LARROSA, 2017) poderia e deveria propiciar a todos que dela participam. Entre as falas, foi marcante o desejo de escuta pelos estudantes, a evidência das marcas positivas deixadas pelo acolhimento docente; para os estudantes, os momentos de destaque foram aqueles em que puderam compartilhar suas ideias, foram estimulados a pensar criticamente e se sentiram valorizados e acolhidos. Fica evidente a importância de pesquisar sobre a educação e o ensino com os estudantes e os egressos, de oportunizar-lhes espaços de escuta e contribuição sobre o pensar de seu processo de ensino e de aprendizagem (Pederiva; Schwertner, 2021; 2023). Por fim, em 2020, foi realizado o II Seminário Internacional e III Seminário Nacional Formação Pedagógica e Pensamento Nômade: ensino, docência e criação. Inicialmente previsto para ocorrer em 4, 5 e 6 de maio de 2020 de forma presencial, com o início da pandemia, foi adiado e ocorreu nos dias 16, 17, 25 e 26 de novembro e 2 e 3 de dezembro, de modo on-line, com apoio da FAPERGS.

MAIS UM NOVO MACROPROJETO INSTITUCIONAL E SEUS DESDOBRAMENTOS

Em 2021, despontou um novo macroprojeto institucional, com vistas a expandir e aprimorar o olhar para a aula, a docência e os processos de ensinar e aprender – elementos que configuram a prática de um currículo. O projeto intitulado “A aula como criação: interfaces com a docência, o ensinar e o aprender” delinea-se a partir das seguintes questões de pesquisa: como se configura uma aula enquanto prática de criação, em meio aos processos de ensinar e de aprender? De que modo a aula, a docência, o ensino e a aprendizagem estão sendo produzidos/produzem possibilidades de criação? Quais as percepções de crianças e jovens sobre a experiência de ser ensinado? O que está sendo dito e visto no campo da aula, do ensino e da docência? De que maneira o ensinar e o aprender são produzidos em meio à aula na educação a distância?

Tais perguntas foram mobilizadas em discussões realizadas no Grupo CEM, por meio de três Grupos de Trabalho (GTs), os quais, considerando essa nova temática, foram recriados, denominando-se: GT1 – Ensino e Diferenças; GT2 – Arquivo, Docência e Criação; GT3 – Aprendizagem, Docência Inventiva e Educação a Distância. Todos os GTs estão integrados à temática central e aos referenciais teóricos e metodológicos do novo projeto institucional, lançando diferentes olhares e recortes para a presente pesquisa.

A perspectiva de estudar arquivo, que já iniciara em 2018, cresce no GT2. Em 2021, é aprova-

6 E-book disponível em <https://www.univates.br/editora-univates/publicacao/355>



do o projeto “A produção discursiva da área de conhecimento de Ensino: o que o arquivo nos diz?” no Edital PqG/FAPERGS 07/2021. O projeto tenta investigar, por meio de procedimentos arquivísticos, as discursividades produzidas em periódicos da área de Ensino no período de 2011 (criação da área de Ensino) a 2021, no sentido de configurar uma materialidade discursiva sobre essa área no Brasil. A escolha da área de Ensino deve-se ao fato de o Grupo de Pesquisa CEM estar vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino. Desse modo, as seguintes questões de pesquisa são delineadas: o que dizem os escopos dos periódicos da área de Ensino, podendo configurar-se como discursividades da área de conhecimento em Ensino no Brasil? Quais horizontes discursivos os periódicos da área de Ensino têm desdobrado? Como dar visibilidade a essa produção discursiva? A partir dessa pesquisa, alguns trabalhos de mestrado e doutorado foram desenvolvidos, como a tese de Ribeiro, que aponta que

A área de Ensino da CAPES - Brasil provém da área de Ensino de Ciências e Matemática e as condições de possibilidade para a sua emergência existiram na medida em que a CAPES, desde sua criação na década de 1950, desenvolveu práticas e projetos voltados para o ensino de diversas áreas de conhecimento dissociadas da área de Educação (Ribeiro, 2024, p. 185).

Para aprofundar a noção de arquivo foucaultiana, procedimento metodológico das pesquisas do GT2, inicia-se em 2021A, um processo de leituras e estudos semanais dos cursos de Michel Foucault no Collège de France, aberto também para estudantes de pós-graduação e pesquisadores de outras universidades.

O PROJETO BROCANTES

No início de 2022, uma nova pesquisa arquivística é aprovada por uma pesquisadora do GT2, pelo Edital Produtividade em Pesquisa (Pq1) CNPq 08/2022, o projeto “Palavras e coisas da escola: uma pesquisa arquivística”. Ainda em andamento, tem como propósito produzir um arquivo, ao modo de um repositório digital público, com papéis e documentos escolares, advindos tanto de vidas singulares (boletins, pareceres, cartas, desenhos, bilhetes, recados, agendas, etc.), quanto de documentos institucionais que contam uma genealogia da escola (ofícios, circulares, projetos, atas, etc.). Busca-se, portanto, por um lado, dar a ver o que foi produzido como “palavras e coisas” da escola, a partir do início do século XX; por outro, compreender o que produzimos, como produzimos, de que modo produzimos tais papéis e documentos e o que ainda reverbera disso no presente. Parte-se, assim, da coleta de documentos escolares em meios digitais, mas também de feiras “brocantes”, realizadas em espaços públicos de cidades nas quais circulam os pesquisadores envolvidos. Brocantes é o nome dado às feiras de papéis velhos e outras antiguidades que tomam lugar nas cidades e vilarejos franceses durante o período quente do ano, tornando-se o teatro de uma prática que se desenvolveu na última década, por conta, principalmente, de problemas econômicos. Até dezembro de 2023, já foram realizadas 17 feiras brocantes, e aproximadamente 1500 documentos escolares foram recolhidos. Esses documentos estão sendo digitalizados, catalogados e disponibilizados em um repositório público digital, que poderá servir de base para outras pesquisas. De modo mais detalhado, é possível observar o trato arquivístico dos materiais na citação abaixo:

Os materiais recolhidos são arquivados por meio de uma tabela de Excel, a partir das seguintes categorias: código do doador, nome do doador, link do arquivo (alojado no drive), descrição, ano, número de folhas, classificação, níveis, curso, instituição, observação, cidade, se o documento foi digitalizado ou não, se requer devolução do material físico, se foi uma doação física ou virtual e se esse documento pode ser



publicado ou não. Cabe destacar que o doador assina um termo de autorização de uso das imagens e informações contidas nos papéis/documentos, assim como garantia de anonimato, quando for doado por terceiros. (Salamanca, Siqueira, Munhoz, 2023, p. 8).

Por meio do projeto “Brocantes”, busca-se mostrar um conjunto de discursividades que regeram, em determinado tempo e espaço, a massa documental produzida pela escola. Além disso, pretende-se colocar em movimento novos espaços de pensamento, tal como o trabalho arquivístico foucaultiano nos ensina: endereçarmo-nos ao arquivo para interrogá-lo e, na medida do possível, reconstituí-lo (Aquino; Val, 2018).

Em 2022, o GT1, em parceria com o PPG Ensino da Univates, lançou o e-book *Cenas de Inclusão: um convite para pensar sobre ensino e diferenças*, com uma variedade de histórias e cenas de ensino, em sua articulação com a inclusão no ambiente escolar (Schwertner et al., 2022).

NOVAS PESQUISAS

Em 2023, mais três projetos de pesquisa foram aprovados por pesquisadoras do Grupo CEM. O projeto “Anos iniciais do Ensino Fundamental: que lugares ocupam as infâncias nesse contexto?”, aprovado pelo Edital Universal MCTI/CNPq 10/2023, tem como objetivo analisar como a cultura escolar é compreendida por crianças de 6 a 11 anos, estudantes do Ensino Fundamental, Anos Iniciais, buscando criar espaços de escuta atenta e sensível para a livre manifestação de suas concepções, desejos e dúvidas em relação à escola.

No Edital FAPERGS ARD/ARC 14/2022, aprovou-se o projeto intitulado “O planejamento docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: uma questão de leitura e escrita de arquivos”, que tem como propósito analisar de que forma os professores da Educação Básica de duas escolas da rede pública do Vale do Taquari (RS) planejam as aulas, a partir dos arquivos existentes para alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Ainda em 2023, uma das pesquisadoras aprovou o projeto “Pesquisar com jovens e imagens suas trajetórias na escola: a experiência de ser ensinado”, no Edital da Fulbright All Disciplines Scholar Award (2024-2025), para ser desenvolvido parcialmente na Arizona State University, de setembro de 2024 a janeiro de 2025. Tal projeto, iniciado em janeiro de 2024, tem como objetivo analisar as percepções de jovens egressos da Escola Básica sobre a experiência de ser ensinado, cinco anos após sua saída da escola. Para tanto, por meio de entrevistas e fotoelicitação, os jovens abordarão elementos de sua vida escolar, destacando as marcas da escola e de professores na sua trajetória e indicando caminhos percorridos após a conclusão do Ensino Médio. Com isso, será possível ampliar as discussões sobre os efeitos da escola no encontro de jovens com o mundo do trabalho, identificando singularidades e diferenças dessas trajetórias. Junto a essas contribuições, deseja-se produzir modos de analisar dados visuais na pesquisa, elaborando produções científicas de investigações em cultura visual.

Nos dias 20, 21 e 22 de novembro de 2023, foi realizado, de forma híbrida, com apoio da FAPERGS, o III Seminário Internacional Formação Pedagógica & Pensamento Nômade e o IV Seminário Nacional Formação Pedagógica & Pensamento Nômade, tendo como temática a aula como espaço ético-estético-político. Nessa edição, agregamos o I Seminário Internacional de Pesquisa em Ensino, pelo fato de o Grupo CEM estar integrado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Univates, a partir do qual se percebe a necessidade de discutir sobre a área de Ensino da Capes,



assim como sobre as temáticas que envolvem a pesquisa em ensino. A temática do ensino ganhou consistência no Grupo CEM, a partir do qual foi organizado e publicado o e-book Ensino, arquivo e docência⁷. Esse e-book reúne textos de diversos pesquisadores do Brasil, mas também da Espanha e Portugal, com foco no ensino, a partir da seguinte problemática: o que estamos pensando, produzindo, escrevendo, experienciando enquanto área de conhecimento Ensino da CAPES no Brasil? O que compreendemos por ensino no cenário educacional contemporâneo? O que fazemos enquanto ensino? Portanto, ensino como área, conceito e prática docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escavar o arquivo do Grupo de Pesquisa CEM teve por objetivo dar visibilidade ao que foi produzido durante o período de dez anos – de 2013 a 2023 – pelo referido grupo. Se, por um lado, revisitar um determinado conjunto de produções e ações mostra-nos o que foi possível realizar em dez anos de pesquisa, por outro, também nos aponta o que ainda é possível fazer e que novos rumos ou mudanças de percurso se tornam necessárias.

O exercício de ler um arquivo também implica o exercício de reescrevê-lo, tal como afirma Arlette Farge (2009, p. 64): “não se trata de dizer como se deve fazê-lo, mas simplesmente como acontece de se fazer [...]. Entretanto, ao realizá-lo, fabrica-se um objeto novo, constitui-se uma outra forma de saber, escreve-se um novo arquivo”. Contudo, há de se considerar que o arquivo é sempre lacunar. “O próprio do arquivo é a sua lacuna, sua natureza lacunar” (Didi-Huberman, 2012, p. 210). Assim, o próprio arquivo mostra a sua incompletude, suas descontinuidades, o que evidencia que é um material vivo, que permite abrir brechas entre o passado e o presente.

Este artigo não tem nenhuma pretensão de mostrar resultados conclusivos das investigações realizadas pelo Grupo de Pesquisa CEM, mas de focar nos seus processos, o que implica ler o material produzido, revisitá-lo, reescrevê-lo, remontá-lo e reinventá-lo. Parece também ser essa a perspectiva de uma pesquisa que se faz em movimento, em que a leitura e a análise de seus deslocamentos servem para que novos arquivos possam ser construídos.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Júlio G. Não mais, mas ainda: experiência, arquivo, infância. **Childhood & philosophy**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, jan-abr. 2016, p. 179-200.
- AQUINO, Júlio. G. Operação arquivo: pesquisar em Educação com Foucault. In: AQUINO, J. G. **Foucault, arquivo, educação**: dez pesquisas. São Paulo: FEUSP, 2020, p. 339 – 355.
- AQUINO, Júlio. G.; Val, Gisele. M. Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional. **Pedagogía y Saberes**, n. 49, 2018, p. 41-53.
- CORAZZA, S. M. O drama do currículo: pesquisa e vitalismo de criação. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação da Região Sul**, 9. GT Educação e Arte. Caxias do Sul: 29 de julho a 01 de agosto de 2012b, Universidade de Caxias do Sul, RS. Caxias do Sul. 2012.
- CORAZZA, Sandra. **O que se transcria em educação?** UFRGS, 2013.
- COSTA, Cristiano B. da.; SCHWERTNER, Suzana. F.; GIONGO, Ieda. M. **Genealogy and immortality** - discussions about curriculum in schooled spaces. European Conference on Curriculum Studies, Future Directions: Uncertainty and Possibility, University of Minho, Braga, Portugal, p. 442 - 444. 2013.



CRIZEL, Ana. P.; FREITAS, Francine. N.; RODRIGUES, Aline. **O currículo entre movimentos escolarizados e não escolarizados: linhas tênues.** Seminário de Educação 2014: Modos de "ler-escrever" em meio à vida. p. 2543-2554. 2014.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34. 1992.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos.** Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado). Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição** (Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado). Graal, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. Trad de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. — São Paulo: Ed. 34. 1997.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

DÍAZ, José Alberto Romana. Por uma formação docente criadora: O arquivo de Lleida. Crônicas-Vallenato do cantor de Macondo. 2023. Tese (Doutorado em Ensino). Universidade do Vale do Taquari – Univates. Lajeado/RS, 23 jun.2023. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/items/5c91e13f-f966-4a43-b7ae-3a66e49fd400>. Acesso em 27 mai. 2024.

DÍAZ, José A. R.; MUNHOZ, Angélica V. Práticas educativas no Museu de Arte do Rio. Revista Educação, artes, inclusão. V. 15, n. 2, abr./jun. 2019, p. 208 – 232. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/14157>.

DÍAZ, José A. R.; MUNHOZ, Angélica V.; MONCLÚS, Glória Jové. Uma experiência de currículo: rastros de um arquivo-corpo. Revista Espaço do currículo. João Pessoa, v. 15, n.2, p. 1 – 14, mai/ago 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/63008>

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **Pós**, 2(4), 2012, p. 204-219.

FARGE, A. **O sabor do arquivo.** Trad. Fátima Murad. São Paulo: Edusp. 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 16. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: MOTTA, M. B. (Org.) **Ditos e escritos**, II. Rio de Janeiro, Brasil: Forense Universitária, p. 260 -281. 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008.

FOUCAULT, Michel. Aula de 7 de janeiro de 1976. Em M. Foucault. **Filosofia, diagnóstico do presente e verdade.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 281 – 295.

GALLO, Sílvio. A Orquídea e a Vespa: transversalidade e currículo rizomático. Em E. P. Gonzalves, M. Z. Pereira, & M. E. Carvalho (Orgs.). **Currículo e contemporaneidade: questões emergentes** (pp. 37-50). Alínea, 2011.

GALLO, Sílvio. As múltiplas dimensões do aprender. **Congresso de Educação Básica**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 2012, p. 1- 10. Disponível em: https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf

LEME, J. Da significação ao acontecimento: Foucault e a genealogia da experiência. In: H. Resende (Org.). **Michel Foucault: transversais entre educação, filosofia e história.** Belo Horizonte: Autêntica, p. 91-104, 2011.

MONCLÚS, Glória J. **Maestras contemporâneas.** Edicions de la Universitat de Lleida, 2017.

MUNHOZ, Angélica. V. et al. **Espaços e movimentos do currículo: entre o escolar/não escolar e o escolarizado/não escolarizado.** XXI Encontro sobre Investigação na Escola. Santa Maria. 2013.

MUNHOZ, Angélica. V., COSTA, Cristiano Bedin da. Genealogia e imoralidade: o currículo entre experimentações nômades e estratificações sedentárias. **Linhas**, 15(29), 347-361, 2014

MUNHOZ, Angélica. V.; HATTGE, Morgana. D. Entre espaços e movimentos curriculares. In: X Anped Sul: **Anais da X Anped Sul.** Florianópolis, p. 1-13. 2014.



- MUNHOZ, Angélica. V.; HATTGE, Morgana. D. Algumas notas sobre espaços e movimentos do currículo. **Espaço do Currículo**, v.8, n.3, p. 317-322. 2015.
- MUNHOZ, Angélica V. FISCHER, Déborah V.; KREMER, Margarita S. Experiências educativo-artísticas na docência: o que é possível pensar e produzir com e a partir delas? **Revista da Fundarte**, ano 71, v.47, 2021, p. 1 – 14.
- OLEGÁRIO, Fabiane; CRIZEL, Ana. Paula. Anotações sobre a verdade: interlocuções com a educação escolarizada. **Imagens da Educação**, v. 5, p. 96- 103, 2015.
- PEDERIVA, Bianca I.; MUNHOZ, Angélica V. Do que faz pensar a docência: notas sobre o Projeto Objetos de pensar. **E-Mosaicos**, v. 11, n.26, jan./abr. 2022, p. 107 – 119
- PEDERIVA, Bianca I. ; SCHWERTNER, Suzana F. Olhares de Jovens Egressos do Ensino Médio: reflexões sobre os enlaces na escola. In: Rafael Ribeiro dos Santos; Mary Anne Vieira Silva. (Org.). **Juventudes nos (entre) lugares: leituras interdisciplinares contemporâneas**. 1ed.Santa Maria: Arco Editores, 2021, v. 1. p. 148-164.
- RIBEIRO, Inauã Weirich. Área de Ensino em arquivo: práticas de governo da Capes-Brasil. 2024. **Tese** (Doutorado em Ensino). Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado, RS, 29 de fev.2024. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/items/caac1834-c2b4-4adb-b302-a0a3e0d1de77/full>. Acesso em: 27 mai. 2024.
- SALAMANCA, Andrea D. A.; SIQUEIRA, Ketlin da F. da; MUNHOZ, Angélica V. Projeto Brocantes: uma pesquisa de arquivos escolares. Anais do III Seminário Internacional Formação Pedagógica e Pensamento Nômade, IV Seminário Nacional Formação Pedagógica e Pensamento Nômade, I Seminário Nacional de Pesquisa e Ensino: aula como espaço ético-estético-político, 20, 21 e 22 de novembro de 2023, Lajeado, RS [recurso eletrônico] / Angélica Vier Munhoz et al. (org.) – **Lajeado: Editora Univates**, 2024, p.191 – 198.
- SCHWERTNER, Suzana F. Escultural como somente o humano pode ser: quando o hiper-realismo nos convoca a pensar o currículo. In: Munhoz, Angélica V.; Costa, Cristiano B. da. OHLWEILER, Mariane I. (Orgs). Currículo, espaço, movimento: notas de pesquisa. **Lajeado: Ed. Univates**, 2016. p. 67 - 80.
- SCHWERTNER, Suzana F.et. al. Arte e docência: notas sobre o projeto Transvisões. **Revista Educação**, artes e inclusão, v. 13, 2017, p. 52 - 72, 2017.
- SCHWERTNER, Suzana Feldens; MUNHOZ, Angélica Vier. Fotografias na escola: discursos de jovens estudantes. **Ensaios Pedagógicos**, Sorocaba, vol. 0, nº 03, p. 37-46, 2018. Disponível em: <http://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/107/133> . Acesso: 03 jun. 2024.
- SCHWERTNER, Suzana Feldens. Fotografias em discurso: as funções da escola em foco. **Reflexão e Ação** (versão eletrônica), v. 27, p. 133 - 150, 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/10930> . Acesso: 03 jun. 2024.
- SCHWERTNER, Suzana F.; HORN, Cláudia I.; SILVA, Belonice M. Aprender e Ensinar: um caso de amor ao mundo. **Revista Signos**, v. 42, n. 2, p. 212-222, 2021.
- SCHWERTNER, Suzana Feldens; HATTGE, Morgana Domênica; REIS, Geilson de A.; ROSA, Josiane Freitas da; PINTO, Nilcéia Frausino da S. P. (Orgs.). Cenas de inclusão: um convite para pensar sobre ensino e diferenças. Lajeado: Editora Univates, 2022.NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral: uma polêmica (Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza). **Companhia das Letras**, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro (Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza). Companhia das Letras, 2005.
- SILVA, Tomaz T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Autêntica, 2001.
- VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. **Revista Brasileira de Educação**. v. 17 n. 50 maio/ago. 2012, p. 267 - 282